

Prof. Paulino Rocha Barbosa

Escola Municipal Vila Progresso – Macapá/AP

Título

Pequenos autores: navegando entre mitos e lendas das ilhas que bailam

Resumo

O projeto Pequenos autores: navegando entre mitos e lendas das ilhas que bailam é desenvolvido na Escola Municipal Vila Progresso, no Distrito de Bailique, área ribeirinha de Macapá, estado do Amapá. Surgiu da necessidade de incentivar o hábito da leitura crítica e reflexiva entre os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, tendo em vista a preparação dos mesmos para encarar os desafios do próximo ciclo de estudos em outra instituição.

No entanto, muito mais do que trabalhar a leitura pura e simplesmente, o projeto buscou atender a necessidade da escola partindo da realidade de sua clientela estudantil. Nesse sentido, buscou, junto dos alunos, elementos para ajudar na construção de atividades que aliassem conhecimento com o gosto de aprender. Surgindo, então, um projeto que inicia com um trabalho de pesquisa realizado pelo aluno, segue com a produção textual para se chegar ao ato da leitura. E todo esse processo é mediado por construção de saberes envolvendo todas as áreas do conhecimento, valorizando a cultura e a realidade local do aluno. E, por fim, temos a sintetização de todos esses saberes expostos numa cartilha e radionovelas a serem socializados para a comunidade escolar.

Trata-se de um projeto de grande relevância no aprendizado dos alunos, garantindo autonomia de escrita e leitura e desenvolvendo o protagonismo juvenil entre os educandos. Os custos são mínimos, justamente para atender realidades carentes como é o caso das comunidades rurais, e de fácil execução, podendo ser implantado em qualquer realidade educacional desse país.

Planejamento

Apesar de ter nascido no Arquipélago do Bailique, minha vida profissional sempre foi desenvolvida em Macapá, capital do estado do Amapá. Em 2015 resolvi retornar à minha terra natal para contribuir com a educação de meu povo. E quando cheguei à Escola Vila Progresso já existia uma grande preocupação com o desenvolvimento de projetos voltados para a leitura, no entanto nunca sobrava professor com carga horária disponível para desenvolver projetos específicos com essa temática. Ao final deste mesmo ano, a diretora me pediu que escrevesse um projeto de leitura para a escola. Tinha a intenção de implantá-lo no ano seguinte, principalmente para os alunos do 5º ano, pois era uma clientela já alfabetizada, mas que sempre apresentava dificuldades no desenvolvimento da leitura. E a leitura interpretativa e reflexiva parecia ser o maior problema a ser enfrentado. E tudo isso somado a um agravante, os alunos não gostavam de ler. E a preocupação da escola era garantir uma alfabetização consolidada a esses alunos para que pudessem prosseguir seus estudos em outras escolas sem maiores dificuldades.

Para isso, foi preciso ouvir os gritos dos nossos alunos, seus desejos e repulsas. Gritos que muitas vezes não estão explícitos em um pedido de socorro, mas escondidos nas ações ou atrás de um discurso informal de um aluno. Por isso, a observação e o diálogo foram instrumentos importantes para confirmarmos o diagnóstico inicial oferecido pela escola e para planejarmos as possíveis ações a serem implementadas no

projeto. E foi seguindo os ensinamentos de Paulo Freire, com sua pedagogia dialógica, que partimos para a ação. Durante o processo de observação e conversas informais, os alunos foram se mostrando apaixonados por histórias que remetiam à cultura e ao folclore local, ou seja, aos seus contextos de vivência. E esse foi o principal ponto de partida para o planejamento das ações que constam como propostas desse projeto.

Foi nesse contato inicial que os alunos me deram muito mais elementos do que procurava ou necessitava para escrever um bom projeto de leitura voltado para eles mesmos. Então o projeto ficou definido assim:

Partimos do objetivo da escola que era incentivar a leitura crítica e reflexiva entre os alunos do 5º ano visando a preparação dos mesmos para ingressarem no 6º ano, em outra escola, com uma alfabetização consolidada. E para alcançar esta meta, partimos de um trabalho de pesquisa em busca de temáticas para a produção textual que remetiam ao contexto local até chegar na socialização dessas histórias por meio da leitura. Em seguida, esse conhecimento produzido é sistematizado com a produção de uma cartilha com os textos selecionados. Também surgiu a ideia de produzir radionovelas encenadas pelos alunos, tendo como roteiros as próprias histórias narradas. Então partimos do objetivo inicial da escola que era incentivar a leitura entre os alunos e fomos além. Para desenvolver o hábito da leitura, começamos pela escrita, valorizando o conhecimento prévio dos alunos, os saberes tradicionais e a cultura local. Tudo isso baseado na teoria desenvolvida por Piaget e Ferreiro, que é a construção de conhecimento, tendo o aluno como sujeito ativo e o professor como mediador do processo ensino-aprendizagem.

Para o desenvolvimento do projeto, tivemos que planejar coisas bem simples e que não trouxessem custo para a escola, que já sobrevive às duras custas com um orçamento reduzido que mal dá para garantir a merenda e a limpeza do prédio. Por isso o projeto é desenvolvido basicamente com lápis, papel e muita vontade de aprender. Apesar de sua simplicidade, o projeto abarca uma oportunidade muito grande para aprender vários conteúdos nas diferentes áreas do conhecimento de forma interdisciplinar e contextualizada, pois além de possibilitar o desenvolvimento da escrita por meio do estudo da coesão textual, ortografia e gramática, ele pode estar trabalhando a arte nas ilustrações dos textos, a geografia e a história estão implícitas no espaço ilustrado dos contos que retratam o modo de ser e de viver do povo ribeirinho, como os meios de transporte, a identificação geográfica do lugar por meio de ilhas e rios e a própria história das comunidades; a ciência pode contribuir com os fenômenos naturais que assolam a região, como a erosão, o desmatamento, as plantas medicinais, a extração de óleos naturais; a matemática pode ajudar a medir o tempo, as grandezas, os espaços, enfim, existe uma série de conteúdos que estão implícitos nas histórias narradas e que podem estar sendo aprofundados em sala de aula para a produção de novos conhecimentos. Apesar de ser um projeto planejado para a sala de leitura, ele pode ser facilmente desenvolvido na sala de aula, justamente porque possibilita ao docente a oportunidade de trabalhar diversos conteúdos da grade curricular de forma interdisciplinar e contextualizada.

Apesar do projeto ter sido planejado no final de 2015 para ser desenvolvido no ano letivo de 2016, ele não foi colocado em prática. No início do ano, tive que me ausentar para assumir a direção de uma escola estadual e isso inviabilizou a realização do projeto por falta de professor na instituição que pudesse assumir tal responsabilidade. Mas por questão de destino, em junho de 2017 eu sofri um infarto que quase me tirou a vida. E entre cateterismos e stent, ganhei uma segunda oportunidade de vida. E decidi lutar por ela. Abandonei a direção da escola e resolvi cuidar da minha vida. Passei mais de três meses de licença médica, quando pedi ao meu médico para retornar ao ambiente de trabalho. Ficar em casa, deitado numa rede não me fazia bem. Foi então que retornei para a Escola Vila Progresso e, diante da

minha limitação de saúde, fui parar na sala de leitura. Era a oportunidade de colocar em prática aquele projeto planejado uns dois anos atrás.

Diagnóstico

A Escola Vila Progresso pertence ao Sistema Municipal de Educação de Macapá, sendo mantida com recursos do município e através dos programas federais que são executados pela caixa escolar. Os recursos recebidos são para compra de merenda escolar, manutenção, aquisição de equipamentos e pequenos reparos.

A maioria da clientela estudantil da Escola Vila Progresso é proveniente da própria comunidade, embora existam alunos de outras comunidades que dependem de transporte para chegar à escola. E como a escola não dispõe de transporte escolar, são os próprios pais que custeiam a vinda dessas crianças até a instituição. Existem, ainda, alunos que são filhos de pessoas que trabalham em fazendas. Esses alunos vivem na comunidade, com parentes, enquanto os pais trabalham fora. Além de empregados, funcionários públicos e comerciantes, as famílias da Escola Vila Progresso também são pescadores, extrativistas e agricultores. Parte dessas famílias depende dos recursos dos programas sociais do governo, como o Bolsa Família e o Seguro de Pesca para auxiliar na renda econômica.

A pouca oferta de atividades educativas e de lazer para ocupar o tempo das crianças e a desestrutura familiar são fatores que têm contribuído para que as crianças fiquem sem a devida atenção tanto da família como do poder público. Como resultado dessa negligência, temos o aumento significativo no número de crianças que ficam perambulando pelas pontes da comunidade. A própria frequência e rendimento dos alunos na escola é pouco acompanhada pelos pais ou responsáveis. Conseqüentemente temos situações de infrações envolvendo jovens cada vez menores de idade. E toda essa situação tem remetido para a educação e, mais especificamente, para a escola, uma grande responsabilidade na implementação de estratégias de ensino voltadas para o enfrentamento dessa problemática.

O presente projeto surgiu dessa necessidade de desenvolver atividades educativas alternativas que possibilitem engajar o aluno dentro de um contexto dinâmico de aprendizagem, concebendo o conhecimento prévio como instrumento de valorização cultural e como elemento inicial para propiciar novos conhecimentos.

Para pensar o projeto, tive que investigar a clientela que seria o público-alvo. Fiz um levantamento do acervo bibliográfico da sala de leitura da escola e percebi uma grande variedade de livros literários infantis e infanto-juvenis. A maioria ainda guardados em caixas sem nunca terem sido usados. Marquei umas aulas com a turma de 5º ano na sala de leitura. Tratei de deixá-los livres para escolherem os livros que quisessem ler. No início era aquele alvoroço para pegar os livros. Chegava até a ter briga para pegar este ou aquele exemplar, mas depois aquele fogo inicial ia se apagando e os livros iam sendo esquecidos nas mesas. Quando eu percebia que ninguém mais estava lendo, reunia todos em um grande círculo para que eles pudessem contar a história que haviam lido. E para minha surpresa, eles não sabiam contar quase nada. Alguns tentavam até inventar histórias que não tinham nada a ver com o livro que pegaram. Outros sequer lembravam do título do livro que haviam folheado. Além da dificuldade que os poucos leitores tinham em reproduzir o que leram, a maioria pegava os livros apenas para folhear e olhar as figuras. Concluí, então, que o diagnóstico inicial apresentado pela escola sobre a questão da leitura procedia. Embora eu não concorde com a afirmativa de que eles não gostavam de ler, uma coisa parecia evidente:

aquele tipo de leitura não os atraía. Agora estava lançado um grande desafio: descobrir o tipo de leitura que eles gostavam para, assim, propor atividades voltadas a esse interesse.

Tudo começou a ganhar rumo quando um aluno me perguntou se eu não sabia contar histórias. Disse-lhe que sim. Então ele me desafiou a contar uma. Então eu comecei a contar a história que acabara de ler em um dos livros da sala. Imediatamente fui interrompido. “Ah não, professor! Dessas não, essas são muito chatas.” Perguntei, então, que histórias eles gostavam de ouvir. Eles falaram em histórias de fantasmas, de mãe do mato, de visagem, de assombração. “Daquelas que o meu pai conta, professor”, disse um aluno. Só que essas histórias não estão em nenhum livro por aí. Então eu não sabia contar. Neste momento, o desafio se voltou para eles. Contar as histórias que eles conheciam lá da comunidade, histórias de pescadores, de agricultores, histórias da floresta, dos rios. O acervo era interminável. Diante daquele imenso patrimônio imaterial retirado da memória das pessoas mais velhas daquele lugar e repassado oralmente de geração em geração por anos, era preciso fazer algo para que outras pessoas pudessem ter acesso também. Um conhecimento tradicional, muitas vezes ignorado pelas escolas, mas que pode e deve ser um importante ponto de partida para alçar novos conhecimentos.

Desenvolvimento

O projeto começou a ser desenvolvido em outubro de 2017, quando retornei para a Escola Vila Progresso. Trabalhei com uma turma de 16 alunos até o fim do mês de dezembro. Como eu estava com a saúde bastante limitada por conta do infarto, realizava uma oficina por semana com os alunos do 5º ano. Este ano, iniciamos o projeto com uma turma de 14 alunos, também do 5º ano. O projeto foi desenvolvido para a sala de leitura e executado no contraturno das aulas regulares dos discentes. Geralmente o nosso local de estudos é a sala de leitura, mas na ausência de energia elétrica, realizamos essas oficinas nos corredores da escola, no refeitório, debaixo das árvores, nas pontes perto do rio e até nas arquibancadas do campo de futebol.

Na primeira aula é apresentado o projeto aos alunos. Em seguida, listamos todas as histórias que eles conhecem. Isso é um ponto importante porque o professor precisa saber dessas histórias previamente para poder pesquisar sobre elas também e poder contribuir com os alunos. Feito isso, é escolhida uma história para ser trabalhada na oficina da semana seguinte. Para tanto, todos os alunos ficavam encarregados de pesquisar sobre aquela história junto a suas famílias. O professor também pode propor histórias locais de que tem conhecimento para que seus alunos pesquisem.

Na semana seguinte, a aula começa com uma roda de diálogo em que cada aluno expõe o que pesquisou sobre a história escolhida na semana passada. É o momento da troca de conhecimentos entre os alunos. No quadro, o professor vai pontuando as principais contribuições de cada um. Esse é um ponto que tivemos que acrescentar ao projeto, pois não estava planejado, para poder ajudar nossos alunos a sistematizarem seu pensamento na hora de escrever seus textos. Essa sequência pode ser feita através de tópicos escritos ou com desenhos. Até este momento, cabe ao professor apenas intermediar o diálogo na classe, fazendo provocações. Só depois que todos os alunos socializarem as informações trazidas de casa é que o professor tomará a palavra para fechar a roda de diálogo, fazendo um apanhado de todas as informações apresentadas pelos alunos e colocar também as suas contribuições que pesquisou na comunidade.

Depois da roda de conversas é hora de produzir os textos. No ano passado os alunos usavam caderninhos brochura para essa tarefa. Mas eles reclamavam que as páginas eram pequenas e não tinha espaço para

fazer a ilustração. Este ano eu juntei um dinheirinho e resolvi produzir uma cartilha para os alunos, conforme mostraremos no anexo 1.

O primeiro contato dos alunos com a produção dos textos geralmente é um desastre, pois essa prática quase não é trabalhada na sala de aula regular. Então o que se vê é que o aluno tem muita facilidade para contar a história oralmente, dentro de uma roda de conversa, mas não consegue reproduzir essa mesma história através da escrita com a mesma facilidade. Alguns escrevem direto, sem pontuação ou parágrafos. Os erros ortográficos estão por toda a parte. O texto geralmente não possui unidade e nem coesão textual, mas, ainda assim, sai. Nem que ele tenha que passar a aula toda tentando. Ele sabe o que tem que escrever, só não consegue saber como escrever.

Esta fase é legal porque o professor pode ajudar seus alunos a desenvolverem a escrita. Durante o processo, os educandos vão perguntando a correta grafia das palavras para o professor e para os colegas e o ambiente acaba se tornando um grande espaço de aprendizagem de gramática e ortografia. O professor ajuda, o colega ajuda e todos vão construindo seus conhecimentos juntos. Nessa hora a contribuição do velho e bom dicionário é fundamental. Os alunos também gostam de escrever as palavras que têm dúvidas sobre a correta grafia no quadro para o professor ajudar. Isso é bom porque fica mais fácil explicar as regras a todos, já que a dúvida de um pode ser a dúvida do outro. Depois do texto pronto, é hora de voltar para casa. Na bagagem um novo texto para ser corrigido e lido com a ajuda da família. Infelizmente nem todos os alunos recebem essa ajuda em casa, pois temos pais que não são alfabetizados, mas o simples fato deles escutarem a leitura dos textos dos filhos já ajuda muito, e o digo sempre aos pais que me procuram para colocar essa situação.

No próximo encontro é hora do professor sentar com cada aluno para verificar o texto individualmente. Os erros gramaticais e ortográficos são pontuados para serem corrigidos pelo próprio aluno. Através da leitura de cada um, é possível fazer com que ele vá percebendo a necessidade de colocação ou retirada de pontuação, acentuação. Neste momento também vai sendo feita a organização do texto. Os parágrafos vão sendo redefinidos para dar coesão ao texto. É o momento em que o professor faz suas anotações sobre as principais dificuldades apresentadas pelos alunos, para serem trabalhadas posteriormente. Ressaltando que, até o momento, o texto é feito numa folha de rascunho que geralmente são cadernos velhos reaproveitados do ano anterior. Depois das correções feitas com o professor, o aluno vai reescrever sua história na sua cartilha. Em seguida faz a ilustração e dá um título para a sua produção, conforme se vê no anexo 1.

A próxima etapa é a fase da leitura em sala de aula, para que cada aluno socialize com os colegas a sua história, pois embora a temática seja a mesma para todos, a interpretação e o enredo do texto são individuais. Cada aluno vai escrevendo de acordo com a sua visão de mundo. E ele tem a oportunidade de ir acrescentando novos elementos em seu texto, colocando novos cenários. No caso da lenda do peixe Acari, por exemplo, que tem o intestino enroladinho porque engoliu a linha de pesca de São Pedro, teve uma aluna que descreveu em seu texto vários elementos da Bíblia que não foram citados na roda de conversa, mas que faziam parte de seu convívio social.

No início do projeto, os alunos sentem muita vergonha de ler em público, pois não estão acostumados. Neste caso, o professor não precisa forçar. A superação desse medo deve acontecer naturalmente. O nosso papel é de incentivá-lo a não desistir, pois ele só conseguirá superar essa dificuldade se enfrentá-la. Depois que cada um faz a sua leitura, nós abrimos um momento de diálogo para comentários dos colegas sobre o texto. Esse momento foi necessário porque os alunos faziam muitas interferências

durante a leitura do colega e isso atrapalhava o dinamismo do texto. Por isso resolvi propor abrir esse momento de discussão ao final da leitura de cada texto. Esse é um momento para o professor propor algumas situações de aprendizagem sobre algum ponto levantado pelo aluno. É nessa hora que os conteúdos das diversas áreas do conhecimento são trabalhados. Esse é um importante instrumento para o professor da sala de aula regular usar ao iniciar a inserção de novos conhecimentos. Por exemplo, no texto de um aluno foi citada a questão do fenômeno da pororoca e da caída de terras, tão comuns na região. São realidades bem próximas do aluno, com as quais ele se depara diariamente, mas ele não possui conhecimento científico sobre suas causas.

Todo planejamento é flexível e precisa ser aprimorado. E com esse projeto não tem sido diferente. No seu desenvolvimento, na relação com os alunos, muitas estratégias têm sido melhoradas e outras descartadas ou acrescentadas. Tanto é que o título do projeto inicialmente era somente Pequenos autores, mas devido aos seus desdobramentos, foi necessário ampliá-lo para Pequenos autores: navegando entre mitos e lendas das ilhas que bailam, a fim de contemplar as novas mudanças.

E uma das maiores contribuições veio de um aluno do projeto, mas não de forma intencional, em sala de aula. Certo dia eu cheguei cedo na escola e percebi algo incomum. Não ouvi algazarra, como sempre ocorre todos os dias. Nem tampouco os alunos estavam naquela correria de um lado para o outro. Mas eles estavam lá, todos juntos como se estivessem vendo ou ouvindo algo muito interessante, porque para tirar a criança do seu desejo de correr e brincar, precisa ser uma coisa muito legal. Fui chegando perto e reconheci o Dudu no meio deles com sua cartilha na mão. Os alunos estavam saboreando a história produzida e contada por aquele aluno. Fiquei emocionado. Pena que não tive como registrar aquela cena, mas a guardo em minha memória até hoje. É um dos momentos em que todo o nosso esforço para promover a educação nesse país é compensado.

E desde esse dia, propus socializar as histórias produzidas com os alunos da Educação Infantil. E toda semana os alunos vão até a sala das criancinhas para contar suas histórias a eles. A iniciativa está sendo muito interessante, porque a nossa história, que estava ficando só entre os alunos do projeto e suas famílias, agora está chegando a um público muito especial e servindo como objeto de aprendizagem dentro de nossa escola. Isso tem sido bom porque trouxe de volta um novo desafio para os nossos alunos. Nos primeiros dias, eles estavam muito nervosos em encarar esse novo público, mas agora, no próprio ato de contar a história, já está rolando até uma interação dialógica com os pequeninhos, como podemos ver no anexo 2.

Este ano temos a intenção de produzir uma cartilha com os textos dos alunos. Mas, para isso, cada aluno terá que digitar sua produção nos computadores da escola. Esta etapa ainda não está sendo feita porque os computadores do laboratório da instituição não estão funcionando. Assim que forem consertados, os alunos terão aula de edição de textos para poderem digitar seus textos para a cartilha. A cartilha será ilustrada com os desenhos escaneados dos alunos e servirá para socializar as histórias que permeiam o imaginário da população local, valorizando a cultura e o folclore local. A edição da cartilha será feita pelo professor. Veja no anexo 3, um exemplo de texto que fará parte da cartilha.

Outro objeto de sistematização do conhecimento produzido pelos alunos é a produção de radionovelas, tendo como enredo as histórias narradas pelos educandos. Em cada temática é escolhido um texto que servirá de roteiro para ser encenado pelos discentes. Antes de ser gravado, o texto é adaptado para ser transformado em roteiro. Isso é feito de forma coletiva, com a colaboração de todos os alunos. Depois são escolhidos o narrador e os alunos para emprestarem voz aos personagens da história. Caso algum

aluno fique sem papel, ele será assistente de gravação e fará parte do elenco da próxima radionovela. Depois dos ensaios, os áudios são gravados em celulares para serem editados pelo professor. Quando as radionovelas ficam prontas, elas são apresentadas aos alunos e depois são disponibilizadas para serem usadas por outros professores em salas de aula e também nos horários de vídeos dos alunos, às sextas-feiras. A radionovela é um importante instrumento de educação que pode contribuir para desenvolver a imaginação e a fantasia da criança. A ausência de imagens durante a narração da história possibilita ao aluno ir imaginando e criando na mente os cenários e a ação dos personagens.

Ressaltamos que as etapas realizadas no computador para a produção da cartilha e as ações para a produção de radionovela não interferem na execução das etapas anteriores e podem ser realizadas em outro momento, sem atrapalhar a dinâmica da produção textual. A cartilha será lançada no final do ano à comunidade, juntamente com as radionovelas. Enquanto isso, as produções já estão sendo socializadas na escola. A intenção é levar esse conhecimento para outras escolas da região. Sintetizando, temos as seguintes ações:

Na quarta-feira nos reunimos para a roda de conversas e produção do texto. Na outra semana, também na quarta-feira, é feita a correção, ilustração e leitura dos textos. A construção de roteiros, ensaios e gravação, assim como a digitação, são marcadas para as sextas-feiras. Ressaltamos que todo esse processo pode ser feito no decorrer da semana. No meu caso específico, que estou ainda limitado de saúde e, também, porque desenvolvo outro projeto com os alunos do 4º ano, estou usando duas semanas.

Avaliação

Aprendizagem

O projeto surgiu de uma necessidade apresentada inicialmente pela escola, que era incentivar a leitura interpretativa e reflexiva entre os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, como uma preparação destes para encarar o 6º ano em outra escola. Como sabemos, a partir do 6º ano do Ensino Fundamental, os alunos entrarão em uma nova etapa de ensino, com diferentes professores para as diversas áreas do conhecimento. Para tanto, precisam estar com o processo de alfabetização consolidado para que não tenham tantas dificuldades nesse novo ciclo de estudo.

Então nós pegamos esta demanda que era da escola e tentamos transportá-la para as necessidades do aluno. Para isso, nossa meta inicial foi despertar nos alunos o interesse pela leitura, mas dentro de um contexto que pudesse ir além disso. Assim, partimos de um trabalho de pesquisa para a constituição de elementos para a produção textual, para depois chegarmos à leitura, culminando com a produção de cartilhas e radionovelas para a socialização desses conhecimentos adquiridos. É um processo muito bem aceito pelos alunos, justamente porque envolve a construção de conhecimentos junto com os educandos. É diferente quando o professor chega em sala com textos já prontos e deslocados do contexto no qual o aluno está inserido.

Diante desse desafio, temos a plena consciência de estarmos alcançando não só as metas iniciais propostas, como estão surgindo novas metas a serem acrescentadas ao projeto. Digo alcançando porque o projeto está em andamento, porém os resultados já dão ideia de seu sucesso no aprendizado dos alunos. Tudo isso porque o projeto oferece a oportunidade de trabalhar diversos conteúdos que partem da necessidade apresentada pelos alunos. E, paralelamente a isso, estamos resgatando o folclore local,

muitas vezes esquecido no imaginário dos nossos avós e pais e, acima de tudo, estamos ensinando, aprendendo e socializando este saber com outras pessoas.

Trata-se, portanto, de um projeto que não faz parte da grade curricular regular da escola. É uma proposta pensada para a sala de leitura, mas que pode facilmente ser trabalhado em sala de aula regular, pela possibilidade da exploração dos inúmeros recursos nas diversas áreas do conhecimento. E, por não ser de participação obrigatória por parte das crianças, poderia ter muita pouca aceitação, mas as frequências apresentadas pelos alunos reforçam exatamente o contrário. Quase a totalidade da turma participa ativamente do projeto de forma espontânea. Dos 14 alunos do 4º ano este ano, apenas dois não estão realizando as oficinas, pois desenvolvem outros projetos na comunidade no mesmo horário. Outro ponto importante a destacar é a credibilidade dos pais para com o projeto. Eles fazem questão de mandar seus filhos para participar das oficinas porque sabem da importância dessas atividades para o aprendizado dos filhos, pois estão acompanhando o desenvolvimento das atividades, mesmo à distância, porque desempenham um papel também nesse processo e notam a evolução dos alunos.

O próprio aluno também acompanha a sua evolução, sem precisar fazer prova para medir seu conhecimento. Ele percebe quando a escrita está fluindo mais facilmente ou quando suas pernas não tremem mais na hora da leitura. Eles se encantam com as histórias que estão sendo resgatadas do imaginário popular local e que suas produções estão sendo lidas ou ouvidas por outros alunos. No início das produções é normal o aluno sentir muitas dificuldades na hora de organizar seu pensamento através da escrita, pois esse é um processo muito pouco trabalhado na sala de aula regular. Por isso, temos que lançar mão de várias estratégias para facilitar o trabalho do aluno.

Mesmo não sendo uma atividade da grade curricular, os alunos possuem sua frequência controlada. Ao final de cada oficina, os alunos recebem uma pontuação pelas etapas executadas. O objetivo não é medir o quanto o aluno aprendeu em cada oficina, mas valorizar a participação do aluno nas atividades. Caso ele cumpra cada etapa, receberá a pontuação máxima. Essa pontuação vai constar no certificado que ele receberá ao final do ano pela participação no projeto. O projeto tem dado tão certo que este ano foi incluído no Projeto Político Pedagógico da escola. Vale destacar que a menção às ilhas que bailam no título do projeto refere-se ao nome do lugar Bailique, que na linguagem indígena significa o doce bailado dos pássaros.

Para mim, profissional e pessoalmente, tem sido um grande privilégio ter ganhado uma segunda chance para viver e, com isso, poder desenvolver um projeto de tamanha relevância para a minha escola e para os meus alunos. Pois de uma pessoa inválida, pela minha limitação de saúde, passei a ter uma importância e respeito ainda maiores por parte de meus colegas. Hoje não me sinto um coitadinho que depende da bondade de minha diretora para cumprir meu horário e receber meu salário ao final do mês. Sinto-me como alguém que pode fazer diferença na vida dos nossos alunos. Talvez seja essa a minha grande missão revelada pelo médico no dia do meu infarto.

Reflexão

Apesar desse projeto ter sido construído com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental do ano de 2015, da Escola Vila Progresso, com alunos ribeirinhos, as ações podem ser adaptadas para qualquer realidade desse país, pois o que mudará serão os objetos de estudos, ou seja, o imaginário popular da clientela envolvida no projeto. No entanto, os procedimentos metodológicos podem ser os mesmos, com possíveis adaptações quando forem necessárias.

Vale a pena destacar que o presente projeto foi pensado para uma realidade rural, mas pode ser trabalhado no meio urbano. Também é importante salientar que as atividades planejadas preveem a pouca utilização de recursos materiais, justamente para atender à nossa realidade, já que temos pouca disponibilidade de recursos materiais na escola e ainda temos que enfrentar o problema da geração de energia elétrica na região que, muitas vezes, inviabiliza o uso de aparelhos eletroeletrônicos nas aulas e pode atrapalhar o desenvolvimento das atividades. Por isso os nossos principais instrumentos de trabalho são o lápis, o papel e muita criatividade, imaginação e vontade de aprender.